



Falta de planejamento e má administração geram ora déficit ora excesso de escolas na maioria das regiões

Educação

Farra de construção de escolas está no fim

Estudo do MEC mostra excesso de 70,6 mil salas de aula e déficit de 38,6 mil nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste

Lisândra Paraguassú
Da equipe do **Correio**

Nos próximos dois anos o déficit de salas de aula no Norte, Nordeste e Centro-Oeste pode chegar a 38,6 mil unidades. Ao mesmo tempo, poderá haver um superávit de 70,6 mil. Contraditório, difícil de acreditar, mas um retrato típico do Brasil.

Os números, levantados pelo Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola), ligado ao Ministério da Educação (MEC), mostram como foi levada até hoje a política de construção de escolas pelo país. Não de acordo com as necessidades de cada comunidade, mas levando em conta as conveniências políticas, sem qualquer estudo ou planejamento.

Os números se explicam por essa falta de planejamento. As construções eram feitas sem método, e acabavam no lugar errado. Enquanto alguns locais têm mais escolas do que alunos, em outros há escolas de menos. "O prefeito fazia o pedido e se houvesse dinheiro os recursos eram liberados. Mas não havia avaliação para se saber se a escola construída era necessária", conta Antônio Emílio

Marques, diretor do Fundescola.

Os maiores problemas estão nas áreas rurais dos municípios. Ao mesmo tempo em que há um déficit maior do que nas áreas urbanas, também há salas sobrando. "E as que sobram, na maior parte dos casos, estão em péssimas condições", revela Olga Bento, responsável pelo setor de micro-planejamento do projeto.

Em um mesmo município podem haver regiões com superávit e outras com déficit de salas. Na Paraíba, 54% dos municípios têm menos salas do que precisam. Em Alagoas, são 44%. No Maranhão, 30%. Já na Bahia, Ceará e Pernambuco, 90% das cidades têm superávit — e 8% das crianças baianas estão fora da escola.

A projeção feita se baseia nos números de 1994 e 1995 nas mesmas regiões. Nessa época, o superávit chegava a 81.494, enquanto o déficit era de 10.538 salas. A região Nordeste é a principal responsável por essa estatística. São 60.433 salas a mais que o necessário.

"Na verdade, a maior parte das salas disponíveis estão em estado tão precário que não podem sequer ser usadas", conta Olga. Não é ape-

nas um problema de planejamento, mas de qualidade. Muitas escolas foram feitas, mas a construção ruim faz com que em pouco tempo elas já exijam reformas ou reconstrução.

Um outro levantamento feito pelo Fundo em áreas metropolitanas das três regiões pesquisadas mostra que existem 2.737 salas de aula que devem ser totalmente reconstruídas — 1.042 escolas. Outras 18.808 precisam ser reformadas.

RANKING

A partir desse estudo, o Fundescola passou a trabalhar com estados e municípios para definir quais são as escolas prioritárias para reformas — as reconstruções serão feitas ano que vem. "Elaboramos um ranking das piores e este ano vamos começar a reequipá-las", explica Marques.

Foram selecionadas 805 escolas que receberão desde carteiras e quadros-negros até televisões e vídeos, tudo novo. O estudo, minucioso, mostra em detalhes a situação de cada escola.

Para tentar transformar as escolas em lugares dignos do nome, o Fundescola investirá R\$ 1,3 bilhão, parte com recursos do Banco Mundial. Primeiro, para reformar as que ainda têm alguma condição de funcionamento. Depois, para reconstruir aquelas em que a reforma saaria mais cara que o prédio novo. E será levada em conta a necessidade da escola estar naquele lugar.